

Bases e reconfigurações conceituais: a servidão voluntária nas teorias da comunicação na América latina.¹

Osvando J. de Moraes²

A interpretação da nossa realidade a partir de esquemas alheios só contribui para tornar-nos cada vez mais desconhecidos, cada vez menos livres, cada vez mais solitários.

Gabriel García Márques

Resumo:

Objetiva-se neste ensaio estudar a comunicação na América Latina a partir da observação de que os usos *in totum* das teorias da comunicação europeias e estadunidenses refletem servidões voluntárias, conforme as ideias de La Boétie. Propõe-se analisar os usos servis destas teorias que impõem relações de conveniência de poderes e que, de maneira vertiginosa, transmuta-se com a mesma velocidade das tecnologias que nelas interferem. O resultado pode ser aferido na ausência de teorias no continente latino americano, presentes apenas em isoladas preocupações e ideias de alguns poucos pesquisadores. A simples apropriação subserviente dos conceitos de comunicação já existentes revelam implicações políticas importantes para as pesquisas em comunicação. A intenção é identificar e entender os motivos da falta de crítica que provocam uma imediata aceitação de teorias alheias, que desconsideram o contexto, a história e a cultura construídos no continente desde a colonização e que obstruem as possibilidades de se construir novas teorias da comunicação entre nós.

Palavras-chave: Teorias da comunicação. Novas teorias da Comunicação. Teoria da servidão voluntária. América Latina-história. América Latina-cultura. Meios de comunicação.

¹ Trabalho apresentado no GP Culturas e Tecnologias Digitais na América Latina do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo ECA/USP. Professor e Pesquisador UNESP Bauru. Contato: osvando.morais@gmail.com

Bases and conceptual reconfiguration: voluntary servitude in communication theories in Latin America.

Abstract:

This essay is aimed of studying communication in Latin American based on the observation of which the use *in totum* of European and American communication theories reflect voluntary servitudes, as the ideas of La Boétie. It is proposed to analyze the servile uses of these theories that impose relations of convenience of powers and that of vertiginous way, transmutes with the same speed of the technologies that interfere them. The result may be gauged by a lack of theories in the Latin American continent, are present only in isolated concerns and ideas of a few researchers. The simple subservient appropriation of already existing communication concepts reveals important political implications for the research studies in communication. The intention is to identify and understand the reasons of this lack of criticism witch leads an immediate acceptance of foreign theories that disregard the context, history and culture built in the continent since the colonization and that hinder the possibilities of building new communication theories between us.

Key words: communications theories. New communications theories. Theory of voluntary servitude. Latin America-history. Latin American-culture. Media.

1. Introdução

Em sua etimologia, o conceito de *theoria* se transmutou do sentido religioso como procissão e cortejo para o contemplativo, pressupondo não somente uma especulação abstrata, mas uma sustentação a partir de elementos presentes em qualquer contexto histórico, cultural e geográfico. Processo fundamental para se entender hoje as práticas e usos de teorias que, em sua maioria, europeia e estadunidense, justificam o uso do conceito de servidão voluntária, diante das poucas tentativas de se fazer teorias no continente latino-americano. Objetiva-se nesta pesquisa buscar uma sustentação diversa da usual, por meio das ideias de Boétie para discutir a falta de teorias da comunicação na América Latina, analisando as configurações impostas pelos meios de comunicação a partir da observação de que os efeitos das culturas nas relações comunicacionais produzem fragmentações, esquecimentos, descasos, principalmente, quando se pensa nas imagens que refletem não o que somos, mas o que gostaríamos de vir a ser. Propõe-se analisar o uso das teorias da comunicação como processos que se transmutam com a mesma velocidade das tecnologias que nelas interferem para, não somente entender as estratégias de sobrevivência da comunicação constantemente interligada às culturas, mas também verificar no processo servil um aliar-se de si mesmo como um desejo de ser o outro. O resultado é aferido nas ideias levantadas por diferentes pesquisadores sobre os conceitos alienígenas usados, sem as devidas atualizações para o novo contexto geográfico e outros tantos necessários e não construídos, que em sua inexistência, impõe na comunicação e na cultura da América Latina, um modo de ver, pensar, ser e agir, mais dependente e menos livre.

A Comunicação como conceito ambíguo, complexo e por isso mesmo difícil, necessita constantemente ser atualizado, principalmente, por conta das questões culturais e históricas específicas relacionadas à América Latina. Isto porque as práticas comunicacionais não estão isoladas de todo um conjunto de outras práticas e processos, como aquelas de relações entre humanos que envolvem a produção, transmissão e recepção dos conteúdos de mensagens, incluindo, por exemplo, as novas tecnologias de comunicação. No entanto, essa ordem linear é apenas uma maneira didática de nominar uma ordem que está na maioria das vezes em desordem o que faz crescer entropicamente sua complexidade.

Em uma longa introdução à reedição de seu livro “Ensaio sobre o conceito de Cultura” (2012), Bauman tenta atualizar não só o conceito, mas também suas ideias, amadurecidas nos últimos trinta anos, que, como ele diz, estão sob o impacto da

obsolescência filha da instantânea mutação. Ademais, sugere-se que talvez seja este o estado inconstante do conceito que vive entre a velocidade e as reciclagens impostas pelas modas, como ele mesmo diz: “[...] ponderar o que o autor teria alterado no texto caso o estivesse escrevendo pela primeira vez (p. 7)”. Devido aos acontecimentos dos últimos trinta anos, obviamente, o autor só agora parece ter se dado conta de todas as mudanças ocorridas, pensando, principalmente, na avalanche tecnológica. E menos ainda, o quanto as relações entre pessoas as pessoas e com o mundo mudaram.

Nosso objetivo neste ensaio é discutir questões relacionadas à comunicação na América Latina que não podem ser dissociadas de seus processos históricos, da produção de conteúdos simbólicos, dos sistemas culturais e sociais e dos meios de comunicação como instituições dedicadas *a priori* a esse fim. Neste conjunto de questões, faz-se necessário acrescentar o nosso propósito principal, que é o de analisar a falta de teorias em nosso contexto centradas na realidade ou mesmo de propostas teóricas que discutam a comunicação em nosso continente, juntamente com todos os problemas que vêm desde a colonização.

No entanto, acreditamos que não se pode dizer, de maneira generalizante, que todas as produções de bens imateriais têm uma relação imediata com os *media*, mesmo reconhecendo que são usados nas mais simples relações interpessoais. Isto implica reconhecer a restrição à ação dos meios artificiais de comunicação que de forma paradoxal - mesmo quando se pensa em sua veloz evolução - ainda é limitada, e que esta é uma realidade a ser pensada preferencialmente em longo prazo. Sabemos ser o desenvolvimento cultural e social refém de aparatos tecnológicos, muito embora haja o reconhecimento de que as culturas inventam mecanismos de sobrevivência. Estes seriam as estratégias legitimadas e empreendidas por grandes pesquisadores dedicados a esmiuçar as culturas ou mais especificamente dos antropólogos culturais preocupados com os ambientes construídos pelo homem e o que este mesmo homem faz de si mesmo e com os outros.

Importa dizer que as relações humanas ainda definem o emprego e atualização de suas ações, seja como tradição, civilização ou conduta habitual. O homem contemporâneo enfrenta ao mesmo tempo o meio natural e o ambiente social para se proteger do esquecimento e de alguma maneira continuar a manter viva a sua lembrança. Não é simplesmente por instinto de preservação. É das relações sociais que vem a justificativa de como um indivíduo absorve os acontecimentos do presente e ao mesmo tempo em que preserva a sua herança pessoal inalienável.

Nestes processos de troca, intercâmbio, ações e interações, é nosso propósito entender como a comunicação constrói novos comportamentos carregados de valores estranhos às experiências contemporâneas e também daquelas acumuladas historicamente, por meio de ações e interações mediadas de maneira alternada, ou mesmo não mediadas. Impõe-se para o homem um novo ambiente, a abrigar novos tipos de relações.

O tema da servidão voluntária de La Boétie, pensado no contexto das teorias da comunicação da América Latina, parece oferecer subsídios suficientes para uma análise do uso espontâneo de autores, como verdadeiros senhores, e práticas teóricas nem sempre condizentes com as nossas próprias práticas e vivências. É interessante repensar a história da colonização dos países da América Latina através de autores como Octavio Paz, Gabriel García Márquez, Carlos Fuentes e Eduardo Galeano para ver na comunicação e ainda na inexistência de teorias como o processo de enraizamento continua a produzir resultados. Basta comparar o jornalismo que é feito em nossos dias como o exemplo de que somos o que produzimos.

A pergunta atualizada e contextualizada de La Boétie continua: É bom ou mal ter vários senhores? “[...] é a maior desgraça estar sujeito a um soberano de cuja bondade nunca pode ter certeza e que tem sempre o poder de ser mau quando quiser. E ter vários senhores é ser tantas outras vezes extremamente infeliz (LA BOÉTIE, 2009, p.31)”.

No caso específico das teorias da comunicação, a relação de dependência, subserviência e servidão parecem mostrar as nossas vertigens diante dos senhores e justificar as repetições, faltas e usos.

2. Reconfigurações e sobreposições dos conceitos

No contexto tecnológico deste século, quando a comunicação ganha outras dimensões, resultando em produções mediadas, Ciro Marcondes Filho (2002, p.15-90), ao mostrar uma evolução e atualização do conceito de comunicação, retoma a filosofia da linguagem, para situar a comunicação e os processos cambiantes entre comunicações conscientes e inconscientes, não apenas como enigma, mas como algo impalpável que está sempre em crise e em estado de guerras, diante das transformações impostas que mudam e interferem nos conceitos. São modelos parciais e enganosos, pois não dão conta de tudo que envolve a comunicação como processo. As oscilações, contradições e ambiguidades abrem

caminho e sugerem respostas às práticas que vão muito além do comum ou do que se almeja comum. Este processo é construído socialmente com a participação efetiva e desequilibrada dos meios de comunicação de massa, como justifica Eagleton: “diversos modos de viver juntos”, sem confundir os problemas sociais com cultura, sendo irrelevante a contribuição dada pelos teóricos culturais neste aspecto (2005, p. 183).

Tanto o conceito de comunicação como o conceito de cultura leva em conta uma vida em comunidade, uma relação do indivíduo em sociedade que atribui significados e dá sentidos subjetivos à sua conduta em relação à conduta dos outros. No entanto, o que mais importa para a construção do conceito são os processos. O simples fato de transmitir e compartilhar valores e crenças não significa comunicar. Do mesmo modo, construir representações do mundo e comunicá-las aos outros também não resolve todos os problemas do processo comunicacional. Na melhor das hipóteses, pode-se construir perigosamente uma sociedade sincronizada, não entrópica a custo da eleição de um pensamento único, como tem sugerido os fenômenos das redes sociais ou da própria televisão. Por outro lado, o caminhar solitário e os poucos recursos teóricos disponíveis não conseguem resolver a complexidade do processo comunicacional do continente Latino Americano. Em outro sentido, pode-se pensar na hipótese idealista da teoria das mediações de Jesús Martín-Barbero como um sistema social fechado, cujo destino seria a sua própria morte, insistirá em uma relação dos indivíduos com os meios de comunicação, sem qualquer pensamento dissonante, a rotular o próprio indivíduo como aquele que faz ações mediadoras com tudo. No entanto, a fragilidade da condição humana impõe a necessidade de relações de troca fora da esfera da razão ou de outro tipo de razão, caracterizado por Marcondes Filho como “coisas que não são visíveis e que comunicam”. Por exemplo, o invisível não é um mero processo natural quando o seu sentir provoca a emoção ou sensação. A comunicação compreendida como ausência ou isolamento no mundo não significa ser visível, mas ser percebido. O indivíduo, por isso mesmo, se crê inserido em um grupo, uma causa, além do limite imposto pelo sistema ou pela própria sociedade, acreditando no rótulo do acesso às mensagens em quantidade.

É neste contexto que o conceito de comunicação deveria transitar entre comunicação e cultura mediada, provocando uma aproximação entre as duas frentes, tornando-as praticamente indissociáveis – comunicação e cultura numa estreita relação biunívoca. A ponto de podermos dizer não ser possível a existência de uma cultura aos arremios da comunicação, sendo esta a substância catalizadora nas relações entre humanos cuja

resultante seria a primeira. A clássica frase de Gerbner em que conceitua a comunicação como “a interação social através da mensagem” comprova isso, deixando explícito que se trata de uma comunicação mediática com características próprias, e como deve ser analisada em seu contexto social (1972, p. 39). O “através” diz muita coisa: traduz representações, codificações e significações compartilhadas numa cultura em que as produções têm a finalidade de evocar significações e mais ainda, um distanciamento próprio dessa nova cultura.

Para Alfred Schutz, atuamos não somente no mundo, mas sobre o mundo para interpretá-lo, compreendê-lo, efetuar trocas (2008, p. 35). Este é o “mundo da vida” onde se dá a intersubjetividade, a interação que se produz nas relações entre pessoas. Seriam os processos em que os indivíduos adquirem e armazenam experiências. São repertórios de situações que sugerem aos indivíduos realizar ações rotineiras e também reagir àquelas imprevistas. Estas reflexões presentes na obra de Schutz permitem aplicações no mundo da cultura e também em reconceituações para diferenciar os modos próprios dos países da América Latina de fazer comunicação.

Neste mundo, torna-se necessário observar as relações interpessoais indiretas e especialmente as anônimas em diversos graus: com o mundo dos nossos antepassados e com o mundo dos nossos sucessores, a sugerir uma união quântica e indissolúvel por superposição entre os conceitos de passado e presente e futuro.

A partir das ideias de Schutz, pode-se compreender que o mundo da cultura se caracteriza pelo conjunto do *habitus* e de condutas, estando presente em suas principais preocupações sobre as atividades humanas em sociedade. Os indivíduos repetem essas mesmas condutas e hábitos, seguindo uma receita de introjeção de resultados que são frutos de sua experiência.

A comunicação e a cultura estão em processo contínuo de transformação. O transformado se sobrepõe ao formado, ao “original”. E é deste modo que as atividades humanas se caracterizam por simbolizar ideias a ações.

Há uma mistura de experiências com aquilo que recebemos através das impressões sensíveis, que gera conhecimento neste mundo transformado pela comunicação, entendido em sentido amplo, experiências que permitem ações, interações e troca e ainda consciência dessas transformações (KANT, 2007, p.36). Comparativamente, a comunicação pressupõe elaboração e codificação consciente e intencionada de mensagens, em que, no modelo clássico, participam jogadores que compartilhem o mesmo código.

Na atualidade, os processos como elementos essenciais na construção e reconfiguração dos conceitos estão vinculados à produção e distribuição de conteúdos simbólicos pelos meios de comunicação. Por isso há novas formas de ação e interação no mundo social (THOMPSON, 1995, p. 286). O mais importante é que há rupturas entre os processos, modificando as práticas sociais como consequência, com predominância, inclusive de técnicas.

O aumento do fluxo de informação, que antes era de mão única, e que agora com as redes sociais se devolve concomitantemente, e supostamente em consonância à capacidade do receptor de intervir, influenciar ou mudar de posição, interfere com a mesma dinâmica na redefinição dos conceitos comunicacionais.

A comunicação, neste estágio característico de nossa atualidade, sofre os efeitos do instantâneo, com transformações momentâneas e contínuas, mais efêmeras e pouco duradouras. Deste modo, as características dos modos de comunicação de massa através dos meios técnicos tornam-se fluidas e se alteram, alterando também as ações e interações, reestruturando *ad aeternum* as relações sociais.

Observa-se que as interações se dinamizam, os agentes se modificam em função de suas ações, reações e respostas. Constitui-se um tipo de cultura fugaz ao sabor de modismos, como as rápidas mutações das formas das nuvens impelidas e ao sabor dos ventos.

Segundo Schutz o modo de vida, a cultura do cotidiano, não é o mundo privado, é o mundo “intersubjetivo, compartilhado com os semelhantes, experimentado e interpretado por outros” (2012, p. 179). Este é o mundo da comunicação, o mundo comum onde possivelmente pode haver comunhão, mas não necessariamente, pois o ser humana permanece intransponível, mesmo diante da necessidade de comunicar.

No entanto, esse mundo das realidades ‘face a face’, dinamicamente sofreu alterações, mais que isso, sofreu mutações. A realidade é a das trocas mediatizadas, em que o conhecimento do indivíduo se dá através da voz, texto e imagem, todas mediadas tecnicamente. É nesse processo em que o corpo não é o corpo, mas a sensação com sentidos do corpo. É a contínua percepção visual acoplada às outras formas de apreensões sensoriais. É o sentido da presença. São outras construções físicas, psicológicas, visuais e mentais que compõem agora a cultura.

Desse modo, o relacionar com o outro não necessita do ambiente para ter sentido de comunidade e de cultura. É puramente a compreensão mútua que motiva atividades. É desse

ambiente “comunicativo compartilhado” de Schutz que surge a cultura como um agora fenomênico: “As pessoas que participam desse ambiente comunicativo são dadas umas às outras, não como objetos, mas como contrassujeitos, como consócios (participantes de uma mesma comunidade), em uma comunidade societária de pessoas” (p. 181).

As relações interativas pensadas por Schutz seriam ou não verdadeiras construções comunicacionais? Trata-se de uma comunicação composta de relações intersubjetivas em que o semelhante ocupa um valor presença onde se dá as trocas de experiências e o encontro de mundos. Para ele, cada pessoa é um mundo e é do encontro desses vários mundos que aparecem formas diferentes de comunidades e de culturas.

Neste contexto teórico é que as ambiguidades dos conceitos podem ser justificadas. A comunicação adquire significado a partir do encontro com o outro, do compreender ou tentar compreender o outro. É o diálogo no sentido gadameriano referente a alguém que se abre para outro, se entrega ao outro de maneira fluida e livremente. É o modo de ultrapassar a estreiteza de nossos próprios preconceitos (GADAMER, 2005). Neste sentido, o conceito de diálogo tem o mesmo sentido de troca e compartilhamento e adquire uma dimensão infinita. São mundos que se encontram em horizontes do supostamente “real”.

As ambiguidades nessas relações são muitas e dependentes também da compreensão dos signos/sinais que estão sendo utilizados. Neste aspecto, sabemos dos problemas que envolvem as dimensões sýgnicas como espelhos das dimensões comunicacionais.

A comunicação e interação ganham importância e aproximação nestes processos de compreensão subjetiva, objetiva e intersubjetiva. É difícil perceber as nuances em todo o processo. Do mesmo modo, torna-se inseparável à comunicação do entendimento. Os debates são intermináveis a esse respeito e as confusões se multiplicam ainda mais quando resgatamos o longo trabalho de autores como Gadamer que buscam referência na tradição.

Por exemplo, Bauman (2012) citando Lévi-Strauss define as mudanças incorporadas e atualizadas pela comunicação como uma série infindável de permutas. Dispensa-se a análise de sentido etnológico das relações em que há permutas. E seria redundante e dispensável analisar também o sentido etimológico. Em todo caso, permanece o sentido clássico de fundo como troca, intercâmbio e suas variantes conceituais.

De todo modo, as ideias de Schutz formam um arcabouço teórico em que os processos de permuta, empréstimos e sobreposições se misturam e não se diferenciam dos comunicacionais. São justificados tendo como base a teoria fenomenológica de Husserl, aproximando a processos sýgnicos do visual, verbal, oral, gestual, culminando com a da

comunicação entre consciências presentes nas relações indiretas que premonitoriamente serviria ao jogo dos *media* e ainda à reconceituação (p. 236-240).

Nesta mesma direção, acompanhando um discurso sincronizado com a atualidade, Thompson (1995) desenvolve em suas teorias conceitos amplos de cultura, de ideologia para discutir a cultura como transmissão, em substituição aos processos amplos, sutis e subjetivos a trocas.

Obviamente que o conceito de transmissão envolve uma revisão histórica do desenvolvimento dos meios de comunicação como indústrias, sem esquecer, por exemplo, da escrita impressa e da notícia como comércio e antes ainda as relações de troca corpo a corpo/face a face até chegar à contemporaneidade com as trocas culturais mercantis.

O conceito de comunicação mediada de Thompson, de certa forma, prepara uma base argumentativa e teórica para o que se discute hoje como cultura dos *media* ou dos meios, considerando esses mesmos meios de comunicação como característica essencial de comunicação moderna. Portanto, mudam-se os processos de troca, de transmissão que culminaram com a circulação generalizada de bens simbólicos, impondo ou forjando uma nova cultura.

Nestas mudanças, carece serem encontrados e propostos novos procedimentos para se lidar com o racional, com o emocional e o afetivo, no sentido metodológico e teórico. A ideia é configurar as intersecções e detectar ou provocar rupturas. Rupturas que focalizem a comunicação em processo contínuo de trocas e saneamentos de faltas e preenchimento de lacunas.

Trata-se de reescrever os processos contemporâneos, utilizando o método descritivo bachelardiano (2004) como forma, para atingir o conhecimento despretenso, com a intenção de apenas aproximar, assumindo a dificuldade nas ciências humanas de se lidar com o absoluto.

Deste modo, invisivelmente, convivemos com o novo e a tradição juntos, estabelecendo pontes e a cultura viva faz forjadamente as relações interculturais (GADAMER, 2005). Os produtos circulam com a velocidade do tempo tocada ao máximo, ao simultâneo. A fragmentação torna-se o paradoxo ou mesmo uma “desconstrução” involuntária. A fragilidade dos conceitos que envolvem o reconfigurar da comunicação se faz visível. É a mesma fragilidade humana. Não há como mascarar-la. O modelo cognitivo cartesiano certamente dará lugar a modelos forjados pelo homem “multiforma, instável e desestabilizante, caprichoso e cheio de surpresas” (BAUMAN, 2012, p. 13).

Portanto, comunicação não significa mais regularidade e padrão, como queriam os primeiros pesquisadores do século XX. Há que se pensar sobre os rompimentos, as repetições e as reproduções imprevisíveis nos quinze anos desta nova era comunicacional.

Muitos veem este estágio como um impulso negativo. Os conceitos são vistos como um conjunto de conceituações e reconfigurações a partir da base tecnológica. Fala-se em inúmeras mediações: mediações físicas – ‘face a face’, mediações mentais e de culturas mediadas por *hardwares*. Processos, interações e comunicações mediadas simbolicamente, mas que permitem incontáveis práticas.

Assim, há que se construir uma metodologia que dê conta dos conceitos de continuidade e descontinuidade, isolados ou conjuntamente. Paralelamente o mesmo deveria acontecer com as teorias, sem esquecer as origens do conceito de teoria que inicialmente tem valor de contemplação, ligando os elementos às experimentações, práxis e ao conhecimento.

3. Perorações: sínteses circunstanciais

O nosso propósito neste trabalho foi o de mostrar que vivemos uma crise de conceitos e conseqüentemente uma crise nas teorias. Esta crise transforma-se em dilema quando nos deparamos com o problema do conhecimento e sua aplicabilidade nesta contínua e perpétua construção. Mais ainda na América Latina sentimos vertigens diante de necessidades de se pensar nossa “realidade” centrada nela mesma, em nosso passado, em nossa trágica história de países dominados e colonizados que ainda sofrem os feitos e efeitos de uma oligarquia perpetuada nos meios de comunicação que continua a defender as mesmas ideias e os mesmos ideais dos colonizadores de antes e dos novos.

Quando falamos crise de conceitos, nos referimos aos conceitos comunicação e de suas imbricações. A comunicação, embora parecesse consolidada como conceito, principalmente pelos pesquisadores no século passado e na atualidade pelas práticas comunicacionais, carece também de reconceituação constante. Mudaram os modos de fazer, de apreender, de trocar, compartilhar, mudaram-se conseqüentemente as pessoas diante das avalanches tecnológicas e imposições mercantis.

Os trabalhos revistos e reavaliados dos grandes teóricos mostram aspectos importantes dessa vertigem existencial dos pesquisadores em relação à construção de conhecimentos. Tudo requer base filosófica, principalmente as teorias. Basta citar uma simples frase de Freud para que se possa avaliar a complexidade: “[...] Eu com o mundo em torno” (2010, p. 19). Em termos gerais existe o problema da comunicação que tenta explicar a relação entre as pessoas e coisas e entre objetos do mundo: o Eu e o outro, o Eu e os outros, os Eus e os outros. “Nosso sentimento do Eu é, portanto, apenas o vestígio atrofiado de um sentimento muito mais abrangente” [...] (*ibidem*). São desdobramentos circunstanciais, pois do mesmo modo que o mundo é inconstante o “ser” também é instável no tempo e no espaço.

O sentimento de apropriação ou de demarcação de fronteiras do campo da comunicação nos impede de ver as aproximações e relações entre os vários mundos: o mundo da vida, o mundo da cultura e o mundo da comunicação, por exemplo. O mais interessante é o paradoxo segundo Freud: O Eu se desliga do mundo externo ou abarca tudo.

Há o problema da verdade absoluta que, em uma área em processo, não consegue lidar por variar à mercê de suas flutuações. Como diria Prigogine (2001), o nosso tempo é o tempo das flutuações.

Paradoxalmente, no caso específico da comunicação, ainda não há consenso sobre o conceito de comunicação muito embora nos seja impossível dela prescindir visto que atados todos somos uns aos outros por liames e vínculos no mais das vezes invisíveis e imunes do sentir. Presos na teia das redes.

As flutuações e o não equilíbrio surgem para negar o determinismo e insistir na criatividade. A trajetória da comunicação como processos se multiplica em ramos em que tudo é possível. As comunidades, sinônimo de produtos comunicacionais, são criadas em sucessão, traduzindo o estado inconstante do próprio mundo.

Há a ideia do múltiplo: múltiplos sujeitos, múltiplos universos, múltiplas sociedades e cabe a nós ligar as coisas, fazer as relações. O caminho é longo e o campo da área está em construção, sem delimitação de fronteiras; será mesmo possível delimitá-las? Todos podem participar dele, e dele participam de uma ou outra forma, inda que não queiram já que o contexto histórico nos proíbe o isolamento.

É essa fragmentação que tudo multiplica que poderá ou não levar ao nada? Ao vazio?

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BACHELARD, Gaston. **Ensaio sobre o conhecimento aproximado.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- CAUQUELIN, Anne. **Teorias da Arte.** São Paulo: Martins, 2005.
- CERTEAU, Michel. **A cultura no plural.** Campinas: Papyrus, 1995.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- EAGLETON, Terry. **A idéia (sic) de cultura.** São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FUENTES, Carlos. **Eu e os Outros: ensaios escolhidos.** Rio de Janeiro, Rocco, 1989.
- GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina.** Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.
- GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Culturas Híbridas: Estratégia para entrar e sair da modernidade.** São Paulo, Edusp, 2006.
- GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Consumidores e Cidadãos.** Rio de Janeiro, 2005.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel e FUENTES, Carlos. **“Cien años de soledad” y um homenaje.** Discursos de Gabriel Garcia Marquez e Carlos Fuentes. México, FCE, 2007.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Cem Anos de Solidão.** Rio de Janeiro, Record, 2010.
- GADAMER, Hans-Georg. **Elogio da teoria.** Lisboa: Edições 70, 2001.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I e II**. Petrópolis: Editora Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

GERBNER, G. **Mass media and human communication theory**. In: MCQUAIL (Org.) **Logy of mass communication**. Harmondsworth: Penguin Books, 1972. (p.35-58)

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo, 1: racionalidade da ação e racionalidade social**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo, 2: sobre a crítica da razão funcionalista**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência como “ideologia”**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

JAMESON, Frederic. **A virada cultural: reflexões sobre o pós-moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

LA BOÉTIE, Étienne de. **Discurso da servidão voluntária**. São Paulo: Martin Claret, 2009.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O espelho e a máscara: o enigma da comunicação no caminho do meio**. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Editora Unijuí, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de Cartógrafo: Travesias latinoamericanas de la comunicación em la cultura**. México, FCE, 2002.

PAZ, Octavio. **O labirinto da Solidão**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

PRIGOGINE, Ilya. **As leis do caos**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

PRIGOGINE, Ilya. **Ciência, razão e paixão**. Belém: EDUEPA, 2001.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SCHUTZ, Alfred. **El problema de la realidad social**. Buenos Aires :Amorrortu,2008.

SCHUTZ, Alfred. **Estudos sobre teoria social**. Buenos Aires: Amorrortu, 2012.